

ENFERMAGEM E GLOBALIZAÇÃO: A INTERCESSÃO DO SOLIDÁRIO E O INTERDISCIPLINAR [Nursing and globalization: The intersection of solidarity and interdisciplinary practice]

Maria Helena Lenardt*
Elis Rejane da Maia**

RESUMO: Trata-se de uma reflexão sobre o processo de globalização e a enfermagem. O objetivo é contribuir, no contexto, para uma prática profissional mais compreensiva, abrangente e humana. É uma menção que reclama constante diálogo entre as diversas visões de mundo, alicerçada numa abordagem interdisciplinar, que favorece o entendimento de outros modos de compreensão da vida e progresso na postura diante de ser humano, que necessita de ajuda profissional, em presença de um mundo em processo de globalização.

PALAVRAS CHAVE: Enfermagem; Globalização; Solidariedade; Filosofia em enfermagem; Humanismo.

Estamos entrando numa era que é portadora de grandes esperanças e questões perturbadoras, pois nas últimas décadas surgiram fenômenos perturbadores que tem navalhado profundamente nossas formas de compreender o contexto em que estamos metidos.

O homem é um ser cercado de mistérios por todos os lados, segundo Campos (1977), que aspira a entender o porquê de tudo e pelas suas próprias forças acaba sempre por tropeçar nos limites da sua capacidade de compreender. Pouco a pouco, à custa de muito esforço e método, isto é, da capacidade de ordenar as suas idéias em níveis sucessivos de abstração, ele tem conseguido ampliar cada vez mais esses limites. Aplicando seu conhecimento às atividades práticas, por meio da tecnologia, vem abrindo espaço, dominando um pouco mais a natureza, aqui e ali.

Vivemos numa economia global. Uma economia global como diz Soros (1997), é caracterizada não só pela liberdade de movimento de produtos e serviços, mas, principalmente, pelo livre movimento de idéias e de capital. Nos últimos tempos, a globalização dos mercados financeiros se acelerou a tal ponto, que hoje os movimentos nas taxas de câmbio, nos juros e nos preços das ações em vários países, estão intimamente ligados. No entanto, o discurso propagandístico esconde um processo milenar que agora atingiu o seu auge. A nossa espécie se "globalizou" desde o primeiro momento, quando através de sucessivas vagas se foi espalhando pelo planeta e quando, através das trocas entre grupos e povos afastados, se começaram a revelar para todos os humanos as diversas civilizações e este mundo único (Silva, 1997).

Hoje, duas tendências convivem e conflitam na economia mundial. Uma é a de *globalização* dos mercados, estimulando o fluxo planetário de mercadorias e investimentos

e eliminando os entraves à competição no espaço mundial. A outra é a de *regionalização*, que atua no sentido de erguer barreiras protecionistas entre os megablocos, preservando a esfera de influência de cada uma das grandes zonas econômicas. Nesse caso, vislumbra-se no horizonte, verdadeiras guerras comerciais e financeiras entre os megablocos. O espaço de negociação tende a ser o GATT¹, que desde 1986, com as negociações da chamada Rodada Uruguai, tem aprimorado seus intentos de reduzir as barreiras à competição livre no mercado mundial e neutralizar as ameaças de confrontos comerciais (Magnoli, 1996).

A capacidade do estado de garantir o bem-estar dos cidadãos, foi severamente prejudicada pela globalização do sistema capitalista. Para Soros (1997), a globalização aumenta as demandas sobre o Estado, para que proveja benefícios sociais, enquanto reduz sua capacidade de atender a essas demandas.

Toda sociedade precisa ter alguns valores compartilhados para que se mantenha unida. Valores de mercado não servem para este propósito. Os mercados reduzem tudo, inclusive seres humanos à mercadorias, pois o seu imperativo é: faça o que quiser, mas seja lucrativo! Estamos presenciando um descompasso entre conquistas técnicas-científicas e pobreza global. Uma potência mundial, que envia carrinhos de brinquedo a Marte, para Kurz (1998), deixa 11 milhões de suas próprias crianças expostas à fome. Também João Paulo II (1997), disse numa mensagem de paz, que a globalização econômica e financeira, está deixando para trás órfãos de mercado em muitas partes do mundo e questiona *se todos serão capazes de gozar de vantagens com um mercado global? E será que finalmente todos poderão gozar da paz? Será que as relações entre estados se tornarão mais igualitárias ou a competição econômica e as rivalidades entre pessoas e nações levarão as pessoas na direção de uma instabilidade ainda maior?*

Alguns afirmam com ceticismo, como Galbraith apud Silva (1997), que a globalização não é um conceito sério, acrescentando: "nós, os americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica em outros países. Com isso, o economista não quer negar a existência da globalização" e suas conseqüências, mas certamente destrinçar o fenômeno da propaganda e do seu uso político atual.

A internacionalização da economia, cultura e política teve muitas etapas e dificilmente pode considerar-se o momento atual como mais relevante que muitos outros desse longo processo histórico. Um exemplo paradigmático para Silva (1997), são as navegações ibéricas, que permitem não

* Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da UFPR. Doutoranda em Filosofia da Enfermagem da UFSC. Membro do GEMSA.

** Acadêmica de Enfermagem da UFPR. Bolsista de Iniciação Científica. Membro do GEMSA.

¹ Acordo Geral de Tarifas e Comércio, hoje Organização Mundial do Comércio.

só uma redefinição dos horizontes culturais da civilização ocidental, como uma etapa de intercâmbio econômico e de exploração comercial da Ásia, África e América, que proporcionaram as condições da revolução industrial e tudo o mais que se lhe seguiu.

Se hoje a economia, a informação, a tecnologia e a cultura se mundializaram, foi graças a esse processo cheio de aventura, genialidade, mas também de cinismo, crime e genocídio, que deixou sangue e destroços que ainda hoje podemos ver. Um processo que favoreceu, na época moderna, um pequeno grupo de países que acumulam conhecimentos e riquezas, que na verdade foram produzidas por todos os povos, nos vários continentes. Falta que os povos e as instituições dêem um salto para o futuro, reconstruindo as relações internacionais, a partir desse reconhecimento de que todos deveriam ter direito a usufruir dessa riqueza e conhecimento acumulado e não só uma pequena fração de humanidade.

Segundo Rossi (1998), o economista Peter Sutherland, que foi diretor Mundial do Acordo Geral de Tarifas e Comércio, propôs durante o encontro anual - 98 do Fórum Econômico Mundial, uma inédita "Cúpula da Globalização" que seria uma discussão, por um grupo representativo de líderes mundiais, sobre os impactos da globalização, positivos e negativos e como encontrar caminhos para prever futuras crises e criar mecanismos efetivos para lidar com tais emergências.

Poesia? Perda de tempo? Talvez. A proposta de Sutherland, segundo Rossi (1997), parte de uma realidade que se vai tornando consensual: Os foros internacionais existentes são claramente inadequados para lidar com o fenômeno da globalização. Por isso, Sutherland propõe reunir uma dúzia de governantes dos países industrializados, dos emergentes e dos que ficaram marginalizados pelo processo de globalização, mais os chefes dos organismos internacionais.

Para Campos (1998), a globalização traz problemas e oportunidades. Mexer o menos possível e deixar que as pessoas, por si mesmas aprendam a explorar estas últimas e lidar com aqueles, é mais seguro do que esperar que o governo se encarregue do *show*.

Acredito que o enfraquecimento dos estados nacionais não está abrindo as possibilidades de uma libertária cidadania universal; só está permitindo que o pequeno grupo de países e corporações dominantes, se afirmem como um poder transnacional, longe e fora do controle dos cidadãos.

A compatibilidade dos projetos globais precisa assumir a dimensão formal de uma aliança, destinada a expressar-se em linhas convergentes no tratamento das grandes questões da atualidade e a orientar-se por visões compartilhadas de futuro. Parece que a melhor resposta aos desafios do processo de integração, é mais integração, alicerçada no que diz João Paulo II, que, o desafio a enfrentar pela humanidade na transição para o terceiro milênio, é o de assegurar uma globalização escorada na solidariedade entre pessoas e nações. Compartilhando com esta idéia, Campos (1998) escreve que; "... o barco é um só, e, se começa a fazer água na popa, a turma da proa não estará salvo. Por

isso, as soluções não podem se limitar à pura lógica. Solidariedade é bom senso...".

A pedra fundamental para esta solidariedade é um constante diálogo, verdadeiro, entre nações e regiões.

A ENFERMAGEM E GLOBALIZAÇÃO

Ao longo da história da Enfermagem, a lógica convencional, cartesiana, foi a solução para os problemas da saúde e até hoje pauta o seu cotidiano. Vemos este predomínio em quase todos os Serviços de Saúde e também nas Escolas de Enfermagem. No predomínio deste modelo e no esforço de aplicar a racionalidade da ciência, a Enfermagem assumiu uma concepção fragmentada e especializada do saber.

Nossos discursos, algumas vezes buscam um modelo diferenciado, holístico, mas o próprio currículo das escolas de graduação nos denuncia com um rol de disciplinas basicamente na linha biologicista e o que ficamos, na maioria das vezes, somente na intenção de viabilizar uma teoria/prática mais condizente com a nossa real necessidade na enfermagem e numa sociedade em processo de globalização.

Nós enfermeiros, diante deste processo, precisamos estar preparados com um referencial que possa ser um orientador da prática profissional. Precisamos conceber no decurso da reflexão crítica, que a enfermagem não é só *technee* e ou *episteme*, tão pouco é mística ou ainda só ciência ou arte. A atividade de enfermagem deve perpassar todos estes saberes, pois ela trabalha com o humano e **ser humano**, é ter também ponto de vista. Na enfermagem temos que compreender este ser humano e como Fernandes (1994) menciona, toda a compreensão é uma compreensão de totalidades, não há compreensão parcial. Ela é uma prática de vida com o outro e que procuramos compreender os acontecimentos dele, quaisquer que sejam, além das aparências e assim sendo, ela pode se voltar para muitos objetos relacionados a este ser humano. Pode voltar-se para a ciência, seus valores, seus mitos; pode voltar-se para a religião, a arte, a política, a moral, a educação e sua vida cotidiana.

Podemos considerar a Enfermagem como uma profissão que parte da compreensão do outro, fazendo-nos entender outros mundo, outros modos de compreender a vida. A Enfermagem é uma postura diante do ser humano que está precisando de nós. Se a Enfermagem é uma atitude diante do outro, precisamos atribuir significado aos acontecimentos além das aparências.

Concordo com Rezende (1997) quando questiona: *como cuidar do outro se o nosso acesso a este outro não é pleno? Buscar o acesso ao outro, embora sendo o acesso total utópico, no exercício de várias perspectivas de compreensão, jamais conseguido por uma única categoria profissional.*

A enfermagem precisa abrir as portas para as diversas visões de mundo e questionando estas visões, abrirá as portas das possibilidades e assim aprende a observar o mundo além daquilo que lhe é apresentado.

A interdisciplinaridade na enfermagem seria um convite para que outros apresentem suas respostas e com isto

encontremos várias respostas para uma mesma questão. A interdisciplinaridade permite que tenhamos várias dimensões da realidade, oferecendo a possibilidade de ver o mundo independentemente de dogmatismo e ideologias. Segundo Silva (1993), o interdisciplinar pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre setores heterogêneos conduz a interação propriamente dita, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saíria enriquecida.

A grande importância da interdisciplinaridade para as áreas de predomínio científico, no caso a enfermagem, é estimular o exercício de pensar, é desenvolver a capacidade crítica, rompendo assim com a barreira do dogmatismo. Assim a interdisciplinaridade tem um papel eminentemente pedagógico, pois tem o objetivo de resgatar ao longo do caminho as soluções apresentadas, apontando as rupturas e os desnivelamentos, mostrando enfim, o processo inesgotável de um saber em contínua transformação.

Para Japiassu (1976), a interdisciplinaridade é uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema do conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. É uma atitude de abertura, não preconceituosa, onde todo conhecimento é igualmente importante. Pressupõe uma atitude engajada, um comprometimento pessoal.

Acreditamos que os currículos de enfermagem precisam, com urgência, trabalhar frente à interdisciplinaridade, mas que para isto, segundo Japiassu (1976), precisa abarcar uma nova pedagogia, a da comunicação.

Alicerçando-nos nas colocações de Japiassu, algumas questões transportamos para a enfermagem quando pensamos em trabalhar na interdisciplinaridade:

- Há necessidade de recompor a unicidade do conhecimento fragmentado pela especialização e reconduzir o homem a sua unicidade. Os vários fragmentos têm que ter aproximações, vários pontos de contatos. Não se pode considerá-lo um fim em si mesmo, mas um meio para superar a formação fragmentada do professor.

- Necessita nova atitude de relacionamento entre os docentes e este com alunos, para que o ensino proporcione uma formação mais ampla, privilegiando na escala de valores da escola, a formação geral e profissional do aluno.

- Exige uma nova forma de compreender o conhecimento, de questionar os problemas relativos aos doentes e a comunidade e principalmente aquela excluída pelo processo de globalização.

- É enfatizada uma atitude de profissionalismo e um alto grau de humildade, pois deve aflorar um conhecimento integrado, resultante de um constante diálogo. A supressão do diálogo, a ausência do debate, impossibilitam uma atitude interdisciplinar. O diálogo interdisciplinar permite o conhecimento compartilhado: como as disciplinas têm fronteiras (limites) não distintos, existem áreas onde as perguntas e as respostas de uma área caem sobre aquelas da outra (Munhall, 1986).

- Pressupõe uma constante troca de experiência, onde os métodos, as técnicas, os recursos didáticos, os currículos, as teorias pedagógicas são constantemente submetidas à verificação.

Para a enfermagem trabalhar na interdisciplinaridade, exige que os professores se vejam como sujeitos de um processo de produção de conhecimento, conhecimento que pode se impregnar na vida dos alunos, ajudando-os na sua trajetória de construção de um mundo globalizado, humanizado, solidarizado, melhor, e também, para que a profissão alcance cada vez mais o reconhecimento social desejado.

ABSTRACT: It is a thought-provoking paper about the globalization process and nursing. It aims to contribute, contextually, for a more understanding, comprehensive and humanized professional practice. That is an issue which constantly demands interchange among several world views, supported by an interdisciplinar approach, favoring the understanding of other ways of viewing life and progress, facing the human being in need of professional help in a globalized world.

KEY WORDS: Nursing; Globalization; Solidarity; Philosophy; Nursing; Humanism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAMPOS, Roberto. Variações sobre o tema da crise. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 jan., 1998. p.6.
2. _____. As angústias da Globalização. **Folha de São Paulo**, 15 fev., 1998. p.4.
3. _____. O imaginário teimoso. **Folha de São Paulo**, 14 dez., 1997. p.4
4. FERNANDES, Sergio L. de C. A interdisciplinaridade no ensino da filosofia. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA FILOSOFIA, 1., 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 1993. p.19.
5. JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
6. JOÃO PAULO II, Papa. João Paulo II diz que a globalização ... **Gazeta do Povo**. Curitiba, 11 jan., 1998. p.20.
7. KURZ, Robert. Os bobos da corte do capitalismo. **Folha de São Paulo**, 11 jan. 1998. p.3.
8. MAGNOLI, Demétrio. Globalização e regionalização. In: _____. **O Mundo contemporâneo: relações internacionais 1945-2000**. São Paulo: Moderna, 1996. p.146-155.
9. MUNHALL, P. L.; BOYD, C. O. **Nursing research: a qualitative perspective, national league for nursing press**. New York: Appleton-Century Crofts, 1986.
10. RESENDE, Ana Lúcia Magela de. O cotidiano da enfermagem no trabalho em saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM 49. Belo Horizonte, dez. 1997.
11. ROSSI, Clovis. Um mundo desgovernado. **Folha de São Paulo**, 7 fev. 1998. p.2.
12. SILVA, Cléa Gois e. Interdisciplinaridade no ensino da filosofia para a área de ciências naturais e biológicas. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA FILOSOFIA. 1., 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
13. SILVA, Jorge E. A velha ordem mundial. **A Notícia**, 11 nov., 1997. p.2
14. SOROS, George. Por uma sociedade global aberta. **Veja**. São Paulo, v. 30, n. 51, p. 88-92, 1997.

Endereço das autoras:
Rua Comendador Fontana, 50 - Aptº. 14
80030-070 - Curitiba - PR